

A RABECA

EDITOR E PROPRIETARIO—MANOEL VICENTE VENTURA

Redacção, Praça de D. Pedro, 18

50,3910 A

Anno I	Assignaturas	FOLHA INDEPENDENTE	Publicações	N.º 21
	Cada serie de 10 n.ºs..... 100 rs. Fora d'Evora..... 120 - Numero avulso 10 rs.	Evora, 20 de junho de 1897	Annuncios..... 20 rs. Comunicados..... 50 - Os assignantes têm abatimento de 30 %	

**A RABECA é o jornal
mais lido no Alemtejo.**

INSTRUÍ!

A praça está deserta. A noite é fria como gelo. E, enquanto as begonias dormem no conforto das estufas, ha ali uma creatura humana que dorme na pedra das calçadas.

E' um mendigo e um ladrão. De dia pede esmola: e á noite exige-a. A' hora da missa encontra-se á porta das egrejas, e é mendigo, á hora do crime encontra-se á esquina das vielas e é ladrão. De dia traz moletas; de noite traz navalha.

Vêde-o. E' uma ignominia embrulhada n'um farrapo. Cahiu ali como um fardo de miseria, estupidamente, brutalmente, mascando pragas.

D'onde veio esse homem? Da prostituição, do lodo anônimo. Entrou na vida pelo postigo de uma roda e ha de sair da vida pelo alcapão d'uma guilhotina. Rompeu d'um ventre, como um sapo d'um esgoto.

A mãe, quando o deu á luz, não viu o fructo do seu amor; viu a prova do seu crime. Escondeu o no mysterio como o assassino esconde a sua victim

E o pae? Seria um principe ou um condemnado de galés? E' indifferente. Em ambos os casos, um bandido.

E de resto, que lhe importa a elle! E' um fructo do chão, um fructo pódre. Sahu do estriume e vaé para a fossa.

Aos dez annos conhecia todos os vícios, ignorava todas as virtudes. Na epocha em que as creanças roubam ninhos, elle roubava relógios. Precocidade.

Quando as outras são anjos, já elle era gatuno. Na eda-

de em que se aprende a lêr, elle aprendia a assobiar.

Os preconceitos e os crimes buscam cerebros analphabetos, como os morcegos e os chacaes buscam os subterraneos ás escuras. Ha mais luz nas vinte e quatro lettras do abecedario, do que em todas as constellações do firmamento.

Não teve mãe, não teve pae, não teve berço e não teve escola. Germina como um tortulho venenoso. A lama ensanguentada da miseria tem d'estas gerações espontaneas!

Aos quinze annos deixou de ser gatuno para começar a ser ladrão. Já não tirava lenços das algibeiras; tirava libras das gavetas. Ao principio entrava pelas portas, depois chegou a entrar pelos telhados.

Progreuiu por tal modo, que na idade em que se recebe na igreja a primeira communhão, elle recebia no tribunal a primeira sentença. Seis annos de cadeia: uma formatura em ladroagem. Quando entrou levava uma gazua; quando saiu trouxe uma navalha. Foi rapázola e veio tigre. A cadeia enguliu um malandro e vomitou um assassino. Aperfeiçoou-o no roubo e leccionou-o na facada.

D'ahi em diante distribuiu o seu tempo d'este modo: tres annos nas galés e tres mezes na taberna. Um assassino sae muitas vezes d'uma garrafa. O vinho, propriedade tenebrosa!... combinado com o sangue.

A' bebedeira seguiu-se a indigencia, o *delirium tremens*. N'aquelle cerebro de perversidade, passou um terramoto de loucura.

Por fim ali o tendes. E ámanhã, a estas horas, quem sabel estará talvez n'uma guilhotina, dentro de uma cova, ou no fundo d'um rio. O cutelo, a miseria e o suicidio disputam-no entre si: tres abutres á espora d'um cadaver.

Philantropos sociaes, respondet-me a isto. As vossas estatisticas dizem—a instrução diminue a perversão: quer dizer, o alphabeto diminue o crime, que é uma doença dos pulmões.

Para a doença ha um remedio e para o envenenamento ha um antidoto. Como se deita abaixo uma cadeia? Acotovelando-a com uma escola. O professor hade eliminar o carcereiro.

A luz absorve os miasmas do espirito como os arvoredos os miasmas dos pantanos. No homem ha duas cousas—o instinto, que é um cego; e a consciencia, que é um pharol. As consciencias são as sentinellas dos instinctos. A razão é o domador dos appetites. Como se faz a separação? Illuminando as ruas! não, illuminando os cerebros. A grilheta castiga os assassinos, mas não resuscita os assassinados. Não indemnisa, vinga.

Se a sociedade tivesse fornecido um «a b c» ao ignorante e um officio ao mendigo, a somma da ignorancia com a miseria não produziria este resultado—crime.

Guerra Junqueiro.

O lavadouro publico

Assistiu Evora hontem á tarde a uma festa tão modesta quanto utilitaria e enjos resultados são do maior alcance e das mais realisaveis verdades para o povo eborense, para as classes pobres que consomem na lucta pela vida o melhor dos seus dias, das suas forças, dos seus cuidados.

Não somas lisongeiros; a «Rabeca» tem tido por timbre e norma fallar a verdade ao povo, por isso hoje lhe aponta a proposito de tal melhoramento, um nome bemquisto e digno da veneração e respeito de nossos irmãos de

trabalho o nome do sr. Dr. Francisco de Barahona.

Por entre mil desgostos, talvez mil contrariedades este nome de vontade firme, energica e tenaz, conseguiu dotar esta cidade com um melhoramento de primeira plana.

Não havia dinheiro? Adiantou-o. Não havia architectos? Mandou-os vir. Não era todo o terreno da Camara? Pediu-o, histou e conseguiu a cadeia, do que necessitava.

Os obices que se lhe antepunham esmagou-os com energia viril e os pobres e não pobres tem um melhoramento ha muito reclamado.

A par do theatro o lavadouro e veja o povo, como de ficias e pobres o illustre alemtejo, cada e de quantos louvores e credor.

E deixar fallar os zoilos os invejosos, os ruins, os máes dos.

Os cães ladram e a caravana passa!

O progresso caminha a humanidade aproveita-se das suas manifestações e na confusão da ignomia continuam a debater-se os inimigos do bom e do util.

OS FESTEJOS

O recinto do lavadouro estava vistosamente ornamentado com flores e era, e entre esta viam-se duas bandeiras offerecidas pelas srs. Francisca do Forno e Francisca Lavreira.

Muito antes da hora marcada para a inauguração d'aquella officina de trabalho já no recinto, que occupava uma superficie superior a 1500 metros, se viam milhares de pessoas, muitos ranchos de raparigas com seus fatos de gala, cantando e tocando nas suas pandeiretas, tão usadas entre as filhas do povo alemtejo.

As 6 e meia horas da tarde deram entrada no recinto a ex.^{ma} sr.^a D. Iguaia e Dr. Barahona e toda a camara e corpo docente. Eram esperados á porta pela excellente banda do Grupo de Amadores de Musica que á sua chegada tocou o hymno.

Depois o sr. Dr. Barahona, sua esposa e as damas que a acompanharam bem como toda a camara, percorreram a area onde estão ins-

tallados os lavadouros sendo n'essa occasião saudados com calorosos e espontaneos vivas.

A's 7 e meia terminou a festa no meio de delirantes vivas á familia Barahona e á Camara d'Evo-ra.

A' Direcção do Banco de Portugal

SYNDICANCIA

Aos actos abusivos, praticados por vingança pelo director da *Agencia* do Banco de Portugal n'esta cidade, o sr. Eduardo l'Oliveira Soares, no exercicio de suas funcções.

TERCEIRA VICTIMA

Antonio Joaquim Maria, residente em Reguengos.

Este cavalheiro conta, que, tendo ha dois annos comprado e pago ao sr. Eduardo d'Oliveira Soares, tres mojos de cevada e tendo dias depois aquelle genero subido de preço, o sr. Soares só lhe remetteu dois mojos dizendo-lhe: *que não vendia mais por aquelle preço!*

O sr. Antonio Maria, veio á Evora de proposito para fazer sentir ao sr. Soares o seu baixo procedimento e a sua falta de palavra como negociante, recebendo em seguida o restante da quantia que havia depositado no acto da compra e retirando-se para Reguengos.

Este cavalheiro, veio no dia 15 do corrente a Evora, tratar dos seus negocios e como precisasse de rotar umas notas grandes dirigiu-se á *Agencia* onde pediu lhe trocassem umas notas de vinte mil réis por outras de menos valor.

Poisim, o sr. Eduardo Soares que nunca perdoou ao sr. Antonio Maria o ter-lhe verberado em publico o seu vil procedimento quando faltou á sua palavra na venda da cevada, de que já tinha recebido a importancia, não quiz trocar as notas dando como desculpa, a falta de trocos. Mentia e mente sempre!

O que nós desejamos, é que a dignissima direcção do Banco de Portugal, nos diga a razão, porque conserva n'aquelle logar, um homem que lhe está prejudicando os interesses do mesmo Banco, por que todos de lá fogem; e que não nasceu para tratar com gente culta. Basta dizer-se que quasi todos os dias muda de creados e cocheiros.

(Continua.)

Manoel Vicente Ventura.

Apprehensão

José Joaquim, 2.º cabo da guarda fiscal, apprehenden na madrugada de terça feira, duas pernas de um boi que eram destinadas a serem vendidas em um talho pertencente ao sr. Eduardo d'Oliveira Soares, director da *Agencia* do Banco de Portugal.

A multa foi de 24\$770.

Era o que nos faltava ver!

Um director de um Banco, transformado em marchante e de mais a mais, *candongueiro*.

GAZETILHA

Eu já vi homens sem pernas
E sem traços dois irmãos.
Já vi pés, sem calcuñares
E os meu primos Soares
Teem seis dedos nas mãos.

Já vi cães com dois narizes.
Cabras com quatro chavelhos
Dois gemios, presos p'as costas
Conhecidos pelos Costas.
E não morreram de velhos.

Eu já vi dedos sem unhas
E conheço um *figurão*.
Negociante a valer
Que 'stá rico hoje, por ter
Unha na palma da mão.

Mas o que eu nunca vi,
Nem viram os estrangeiros,
Sabe o leitor o que foi?
—Foi uma vacca ou um boi
Só com os quartos trazeiros.

Pois, ha dias apprehendeu,
A nossa guarda fiscal
As pernas d'um grande boi;
E não sabe p'ra onde foi
O resto do animal!

Ventura.

Principio de incendio no Convento Novo

Hontem pelas nove e meia horas da manhã, manifestou-se incendio em uma porção de palha, em um dos compartimentos do Convento Novo, onde estão, a espensas da Casa Pia, nove lasaros.

Deu causa ao pequeno incendio que podia tomar maiores proporções, um pobre cego, conhecido pelo: «Cabecinha de pau».

O pobre velho, que conta go annos estava ripando palha de milho para colchões. Acendeu o cachimbo e deitou o phosphoro para o lado, não julgando que elle cahiria sobre a palha.

Momentos depois viu-se suffocado pelo fumo e gritou por soccorro.

Accudiu-lhe em primeiro logar o sr. José Marques, tambem lasaro, inutilisado de um braço mas, ainda assim, com o outro conseguiu salvar o seu companheiro que perdendo o tino á porta, procurava fugir arrastando-se pelo chão e por cima da palha incendiada, do que lhe resultou ficar com as mãos queimadas.

Na instincção do fogo prestaram serviços os srs. Salles, barbeiro e Abilio por serem visinhos e ouvirem o signal de alarme dado pelos lasaros, que julgavam que o convento iria ficar reduzido a um montão de cinzas.

Venda de estampilhas por ascensores de verga

Autigamente era só nos estabelecimentos que se vendiam bilhetes postaes e estampilhas.

Hoje a cousa mudou de forma. Informam-nos que, ahí para a Porta de Moura, em uma casa pertencente a um abastado lavrador, se vendem bilhetes postaes e estampilhas.

Não nos surpreendeu a venda em casa particular, mas sim, a forma por que se executa essa venda.

Só por informações se sabe que ali, se vendem estampilhas, por que a caixa e taboleta estão a traz da porta.

O sujeito chega e bate á porta. A creada chega á janella e pergunta o que quer. Se são bilhetes ou estampilhas, faz descer um pequeno cesto de verga preso a uma corda e recebe primeiro o dinheiro do comprador. En seguida faz novamente descer o cesto com os objectos pedidos. Enfim, quem não souber, julga que são dois namorados que estão trocando correspondencia.

Não acham que é ratice?
Não tem graça nenhuma, mas é verdade.

O homem musical

O homem, por muito que lhe custe confessional o, tem o seu papel limitado aos *acompanhamentos*, e portanto passa a vida na *clave de fá*, para ter o *si* acima da *pauta*.

Se enceta um namoro, carrega a *clave* com sete *bemoes* e em *oitava alta* só falla em *si*. Se o namoro o deixa por outro, passa ao *tom de dó* e trata por meio de *accidentes*, de valorizar o seu canto...

O *tom* do homem é ordinariamente o *tom de si maior*, com dois *bemoes*, se quer insinuar-se no animo de alguém.

Quando se vê rodeado de *figuras* de menos valor, é *maesicço*; se pretende mostrar o seu espirito, *gracioso*; galanteando senhoras, *affetuoço*; perante aquelles de quem depende, *moderato*; para com um *crêdor*, *dolorozo*...

O homem enquanto solteiro e novo é um *solo de flautim*. Casando faz *variações de clarinete*. Ao ter o primeiro filho passa a *saxophone*; se a progenera a cresce, elle vai baixando de *tom* e passa a *trombone*, quando não chega até *bóvo*. Se a mulher tem cabellinho na venta, elle invade a *bateria*; toca *bombo*, *rufa* n'ella com *força* e até quebre os *pratos* e arromba os *tympanos*.

(De O Elvense.)

Mi-mi.

Attentado contra o presidente da Republica Franceza

No dia 13 do corrente, quando o presidente da Republica Franceza, o sr. Felix Faure se dirigia para o hipodromo de Long-Champs foi-lhe disparado um tiro que não acertou. Ainda se não conseguiu descobrir o auctor do attentado.

GAZETILHA

Beja 18 de Junho,
O sol brilha cá no ceu.
Cá estou de penna em puño,
A fazer um gafafunho
Porque a musa me morreu.

Houve festa e reinadia,
Vi muitas coisas catitas:
O povo em grande folia
A cidade percorria,
Vi muitas damas bonitas.

Viscondes e generaes
De casaquinhos doirados;
Uns penitentes dos laes
Que lá no ceu... dos pardaes
Serão santos venerados.

Muitas colchas p'las janellas
Com mil ondeados de luz,
Cheias de bordados, bellas...
Eu com falta d'uma d'ellas
E os pobretões semi-nus!

Souo muito foguetorio.
Muita massa foi queimada,
Até me disse o Liborio,
Que a cidade de Sertorio
Nunca ouviu tanta estallada.

O Zé Povinho, patêta
Olhava alli e acolá,
Nos bolsos não tinha *chêta*
Mas com a bocca facêta,
Sorriudo, dizia... ah! ah!!!

Pato Bravo.

AO TELEPHONE

Trelim, trelim, trelim.

—Cá estou.

—Quem és tu?

—O Ventura.

—Vae bom de saude?

—Felizmente só o que me apouenta é a falta de massa, do mais estou perfeitamente bom e corado como um tomate.

—Não admira. Tem lá vinho a 10 reis e carne a oito vintens...

—Isso já foi tempo. Já subiu de preço.

—Já? Porquê?

—Porque o marchante era novo no officio e como não tinha *experiencia* de como se fazia a *candonga* deixou se apanhar pela guarda fiscal que lhe chegou um *chegango* bem bom.

—Apprehenderam-lhe muita carne?

—Pouca. Foram só duas pernas de boi ou vacca.

—E o resto?

—Qual resto?

—O resto do tal boi ou vacca?

—Não tinha mais nada. Era um boi-galo ou uma vacca-galinha. Não tinha se não pés.

—Isso é uma novidade. Era digna de figurar n'uma exposição.

—Tiveram ideia d'isso. Mas como o animal não tinha cabeça, não comia e não podia viver até lá, por isso resolveram malta-lo a occultas, por causa da admiração dos *curiosos*.

—Quem é esse tal marchante novo?

—E' o sr. Eduardo, director da *Agencia* do Banco.

—Então elle agora tambem é marchante?

—Elle é tudo quanto ha e possa haver n'este mundo, a questão é

cheirar-lhe a dinheiro e depois elle foi obrigado a abrir aquelle talho.
—Obrigado! Por quem?
—Por todos os cortadores. Nenhum já lhe queria vender carne. Alguns conhecemos nós que lhe pediam a *finosa de lhe desamparar a porta*.

—Mas por que motivos?

—Por ser muito GOLOSO. (cálão de cortador). Não gostava de não de carne sem osso, *poujadouro* ou *ganço* mas sem contrapeso do *chambao*, já se entende.

—Foi então obrigado a abrir talho?

—E' como diz.

—De tudo um pouco. Viu a procissão de *Corpus Christi*?

—Vi perfeitamente.

—Que tal? Foi muito concorrida?

—Isso não. Vae tudo acabando com o tempo. Os homens já não querem vestir os *balandras*. Entre 105 que vestiam *opas* brancas e encarnadas, só vimos cinco homens, o mais eram tudo crianças de 6 a 16 annos. Muitas musicas, muitos cavallos, muita tropa... mas no fim é que a cousa ia sendo séria.

—Houve alguma scena desagradável?

—Dez pessoas feridas?

—Por quem?

—Pela tropa. Na occasião que davam as descargas cabiam dois ou tres feridos pelas buchas dos cartuchos.

—Então não faziam pontarias para o ar?

—Apontavam mas era aos nari-
zes dos cidadãos. Alguns vimos nós
escorrendo sangue.

—Mas isso é contra a ordem.
As descargas de galla são sempre
dadas para o ar, assim como as de
funeral são dadas para o chão e só
em exercicio é que se aponta á al-
tura da cabeça.

—D'isso não percebo nada. O
que lhe digo é que alguns foram
curar-se ao hospital. Até logo.

—Recommende-me á comadre.

—Farei presente.

Venturinha.

Do jornal A Gleba transcreve-
mos o artigo, firmado por Guerra
Junqueiro.

A RABECA

Publica-se no dia de S.
João. Recebem-se annuncios
para este numero extraor-
dinario.

CORRESPONDENCIA

MOURÃO

Estamos convencidos que
prégamos no deserto, mas co-
mo nos compromettemos a fa-
zer luz sobre esse infame caso
do desaparecimento da crian-
ça, vimos pedir ao ex.^{mo} sr.
Delegado procurador regio-
d'esta comarca para que se di-
gne providenciar n'este senti-
do.

Sabemos muito bem que
altas influencias se movem e
que a «exemplar consciencia»
do pae da creança, o levou a
seguir para Evora a fim de
comprar o redactor d'esta fo-
lha ou indagar quem era o
auctor d'estas linhas; e nós fa-
zendo a justiça devida só dire-
mos que o ex.^{mo} redactor da
«Rabeca» não é do quilate do
tal personagem.

Vamos ao caso, onde está a
creança?

Foi exposta?

Foi confiada aos cuidados
d'alguema ama?

Ou foi assassinada?

E' isto que é preciso escla-
recer-se para honra d'esta ter-
ra.

E' preciso que não fiquem
impunes infamias de tal natu-
reza, pois que, tão repelentes
entes devem sentir os effeitos
do seu crime.

Se não tivéssemos provas,
duvidariamos de que houves-
se na Sociedade, individuos
com o coração tão endurecido,
que tivessem a audacia de
commetter taes infamias.

Não foi a necessidade de
occultar uns amores illicitos
que os levou á pratica de tal
crime, pois que toda a gente os
sabe e são bem publicos, nem
mesmo os seus auctores se oc-
cultam.

Evitar despesas futuras,
tambem não nos parece por
que se trata d'um «milliona-
rio».

Os maus instinctos, a per-
versidade d'aquelle que tendo
constituído familia, esquece os
seus deveres para se entregar
a um sem numero d'amantes
que o roubam e áquelles que
de direito lhe pertencem; é o
que nos parece.

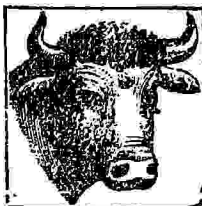
Homens d'esta natureza de-
viam ser riscados da socieda-
de, por que são prejudiciaes á
mesma, pelos seus maus exem-
plos.

Não deixaremos de pedir
justiça, embora ella não seja
feita, contra os auctores d'este
crime, ás auctoridades que fa-
zem a vista grossa.

E' preciso, pois, que os cri-
minosos soffram as consequen-
cias.

Até breve.

Consta-nos que vae ser pu-
blicado um novo folheto que
é a continuação das «Aventu-
ras d'um patife» de que só nos
poderam indicar os dois pri-
meiros capitulos, os quaes são:
1.º Uma noite de batota em
Hespanha. 2.º Uma viagem a
Hespanha para adquerir ma-
terias abortivas.



PRAÇA DE TOUROS EM EVORA

3 CORRIDAS DE TOUROS
nos dias 24, 25 e 29 de junho

30 TOUROS PUROS 30

das maquadas do abastado lavrador e creador o ex.^{mo} sr.

JOSÉ PEREIRA PALHA BLANCO

CAVALLEIRO

MANUEL CASIMIRO D'ALMEIDA

ESPADA—JOAQUIM PEREZ (el Pachuga)

BANDARILHEIROS—Theodoro Gonçalves,
Cadete, Saldanha, Torres Branco, Salgado e outros

Dois grupos de moços de forcado, um
do Campo Pequeno e outro d'Evora.

Banda da Real Casa Pia.

PREÇOS DO COSTUME

FABRICA DE LADRILHOS EM MOSAICO

DE

Francisco Damaso da Fonseca Varella

Grande variedade de desenhos em todas
as côres. Preços mais baratos do que nas
fabricas de Lisboa.

Rua das Alcaçarias n.º 1

EVORA

Minerva Eborense de J. J. Baptista.—Praça de D. Pedro, 25—Evora.

Anno I

N.º 21

A RABECA

Folha semanal, litteraria e independente

EDITOR E PROPRIETARIO, MANUEL VICENTE VENTURA

Redacção e administração, Praça de D. Pedro, 19

Ex.^{mo} Sr.

ESTRELLA D'EVORA



Nova casa de vinhos e petiscos. Todos os dias, iscas e petiscos diversos.

A' ESTRELLA D'EVORA!

Rua do Mau Fôro n.º 21

SAPATARIA LISBONENSE

Officiaes, precisam-se. Trabalho effectivo.

MODISTA

Offerece o seu atelier e participa a sua morada ás suas freguezas. Rua da Moeda, 75. Preços baratissimos.—Evora.

TENDA FARROBO

RUA DE MACHEDE, 77

Carne de porco cheia, paios, linguiça e outras peças grossas, garantindo-se a boa qualidade.

OFFICINA DO PINTOR VENTURA

16—PRAÇA DE D. PEDRO—16

ao pé do Theatro Garcia de Rezende

Trabalhos bem acabados, com solidez e economia.

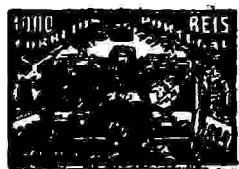
Pinta e doura letras em todos os generos.

Finge madeiras e pedras.

Forra casas a papel.

Pinta moveis de ferro e zinco.

Encarrega-se de qualquer trabalho concernente á sua arte, em Evora ou em qualquer ponto do paiz.



SELLOS
USADOS

Os bons de Portugal e todos das colonias portuguezas, pagam-se por bom preço.

N'esta redacção se diz.



CASEMIRAS

POR METADE DO SEU VALOR

AO BARATEIRO

Ninguém compre sem primeiro ir ver os preços por que o Barateiro vende as suas fazendas.

Póde garantir que não ha em Evora nem em Lisboa quem venda por preços tão arrastados como esta casa.

Todas as suas compras são em grande escalla, e pagas á vista, para

GUERREAR

FAZENDAS, a maior parte d'ellas com um desconto grande!!
Fazem-se descontos especiaes para REVENDER.
Barateza! Barateza!

Um grandioso saldo de xaviotes, flanellas azues e pretas e casemiras, a principiar em 340 réis o metro

MAIS DE 2:000 metros de zefires escocезes, para vestidos de senhoras e creanças. Preço de metro, 65, 80, 90, 100 e 110 réis.

MILAGRE DO BARATEIRO

Lencos de seda, o que ha de mais fino e marca maior, a 580 réis

CREPES FINOS para VESTIDOS A 150

Flanellas finas, boas para vestidos a 300 réis. Flanellas pretas e azues para fatos a 600 réis

Espartilhos com grande differença de preço

MILAGRE DE SANTO ANTONIO

Um grandioso surtido de gravatas de seda a principiar em 100 réis.

Gravatas vendidas por metade do seu valor!!

NOVIDADES

Escocезes de lã e algodão a 190 réis o metro

Crepons, tecido em relevo, a 200 réis

Zefires para vestidos, a principiar em 80 réis o metro

MILAGRE DA CASA

Panninho branco para roupa de homem e de senhoras, a principiar em 85 réis o metro

FERCALINAS E CHITAS MODERNAS a principiar em 80 réis.

GRANDES PECHINCHAS

Rendas, cada metro, a principiar em	10	Riscado para camisas, cada metro	80
Gravatas a principiar em	40	Flanellas de lã e algodão, cada metro	140
Luvas, idem	80	Castorinas de lã, enfiadas a	200
Camisas de flanella, desde	480	Panno crú lavado, desde	80
Riscados, cada metro, desde	65	Lencos finos para a cabeça a	70
Panninho para forro, desde	60	Maços de ganchos a	10
Meias de cordão para creança, desde	25	Fiô desde	60
Collarinhos de borracha	20	Camisollas para homem, desde	120
Guardanapos adamascados	25	Ditas para creanças desde	60
Botões de madre-perola, cada duzia	20	Tralhas para creanças	40
Selinetas, cada metro	130	Sabões do Congo, muito finos, a	40
Barbas para vestidos, cada duzia	70		

AO BARATEIRO

CANDIDO FERNANDES PASSOS

Rua João de Deus, Vulgo Ruancha, loja ao fim do ultimo arco ao pé dos latoeiros.